



abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

MOACYR SCLiar E O ROMANCE BÍBLICO CONTEMPORÂNEO

Márcio César Pereira dos Santos (UFMG)

RESUMO: Este artigo tem por objetivo avaliar a obra literária do escritor gaúcho Moacyr Scliar, sobretudo naquela que é, certamente, uma de suas facetas temáticas mais significativas de sua produção: a ficcionalização do texto bíblico. Com efeito, o texto canônico sagrado irá permear seus trabalhos, protagonizando narrativas curtas, ensaios, crônicas e, significativamente, romances e novelas. Será demonstrado como a Bíblia ocuparia nessas narrativas um espaço privilegiado, inicialmente como “inspiração metafórica da realidade brasileira”, mas também como um campo para um mergulho crítico no acesso a essa memória cultural, alegoria sobre a condição do homem contemporâneo e chave para a reflexão acerca do trabalho do escritor e da importância da escrita e do texto. Três romances, recriações de passagens bíblicas, são os objetos desta reflexão: *A mulher que escreveu a Bíblia*, publicado em 1999, *Os vendilhões do templo*, publicado em 2006 e *Manual da paixão solitária*, publicado em 2008. Nesses textos, o extrato bíblico se transmutaria para além da citação ou alegoria, mas se perfaz como o próprio motivo do enredo como reescrita, como recriação, caminhando da periferia do espaço diegético para o centro configurando essa textualidade que podemos chamar de romance bíblico contemporâneo.

Palavras-chaves: Romance bíblico. Literatura. Moacyr Scliar. Contemporâneo. Textualidade.

A temática bíblica ainda é um mistério para mim próprio. Sou um leitor (literário, não religioso) da Bíblia, acho fantásticas as histórias ali narradas, sobretudo porque estas histórias, por sua síntese, implicam desafios; há “lacunas” pedindo para serem preenchidas pela ficção. Mas talvez eu esteja voltando a raízes tão longínquas quanto enigmáticas, tentando descobrir o que, afinal, existe de comum entre as pessoas que nós somos e os personagens bíblicos. Não sei se consigo responder a esta

questão, só sei que o texto bíblico é uma fonte de inspiração.

Moacyr Scliar

A Bíblia ou a *Tanach* é fonte; é um manancial inesgotável de letras, de palavras, máximas morais, narrativas históricas e fabulares. A Bíblia é texto! É a mais profícua das textualidades de origem judaica e portanto a mais influente, a que mais se confunde com história das ideias, com a evolução da escrita e da literatura. A Bíblia é fonte para literatura, que dela se ocupou desde suas mais antigas produções, como os autos da paixão, as hagiografias, os poemas épicos e devocionais, as crônicas os sermões, os cânticos, os tratados teológicos e as narrativas ficcionais.

No Brasil, a bibliografia baseada nos textos bíblicos ocupa um significativo território na produção literária nacional, tendo feito parte desde sempre de uma inquietação filosófica de nossos escritores. Entre os autores contemporâneos brasileiros, Moacyr Scliar foi o autor mais profícuo em utilizar da fonte bíblica. As leituras de suas recriações ficcionais deram corpo às questões que orientaram este artigo, a partir das quais se procurou entender as estratégias textuais do escritor na composição dessas narrativas e a importância da configuração das instâncias das vozes de seus narradores.

Scliar sempre se confessou herdeiro de uma antiga linhagem de contadores de histórias e dessa convivência com ele afirma: “se me tornei escritor foi em grande parte por identificação com eles, por querer partilhar o prazer que tinham em contar uma história.” (SCLIAR, 2007, p. 67). Nesse contexto, não é difícil identificar suas raízes literárias – os livros não lhe faltaram, nem mesmo o incentivo para escrita: alfabetizado pela mãe, que lhe abriu as portas para a literatura, foi educado em uma escola iídiche na infância e em um colégio católico até o fim da adolescência. Essas duas culturas iriam moldar o estranhamento de sua condição: ser judeu em um país católico e periférico.

Entre todos os veios temáticos que alimentam a riqueza de sua obra, destacam-se suas recriações de narrativas bíblicas. Um mote já registrado nos contos de *O carnaval dos animais*, coletânea publicada em 1967. A partir desse momento, o texto canônico sagrado irá permear seus trabalhos, protagonizando narrativas curtas, ensaios, crônicas e, significativamente, romances e novelas. A Bíblia ocupa nessas narrativas um espaço privilegiado, inicialmente como “inspiração metafórica da realidade brasileira” (SCLIAR, 2007, p. 79), mas também será campo para um mergulho crítico no acesso a

essa memória cultural, alegoria sobre a condição do homem contemporâneo e chave para a reflexão acerca do trabalho do escritor e da importância da escrita e do texto.

Três romances, recriações de passagens bíblicas, publicados ao longo dos últimos anos da carreira do escritor gaúcho, são os objetos dessa análise, a saber: *A mulher que escreveu a Bíblia*, publicado em 1999, *Os vendilhões do templo*, publicado em 2006, e *Manual da paixão solitária*, publicado em 2008. Nesses trabalhos, o escritor amplia a abordagem que usara em outros trabalhos, como *A estranha nação de Rafael Mendes*, publicado em 1983, ou *Cenas de uma vida minúscula*, de 1991, textos em que o cânone bíblico funciona como uma viagem ao passado e descrevem a evolução de genealogias ficcionais dos tempos bíblicos à contemporaneidade no Brasil. Já nos textos que serão aqui analisados, a narrativa opera como reescrita da passagem escolhida, o escritor dá voz a personagens marginais, como uma improvável esposa “letrada” do rei Salomão; um vendilhão do templo de Jerusalém nos tempos de Jesus; Shelá e Tamar, filho e nora do patriarca Judá, um dos irmãos do conhecido José do Egito.

As interconexões dessa obra com o texto bíblico se transmudariam para além da citação ou alegorias, mas se perfazem como o próprio motivo do enredo como recriação, caminhando da periferia do espaço diegético para o centro configurando a reescrita da Escritura, uma textualidade que podemos chamar de “romance bíblico contemporâneo”. Para Antoine Compagnon “escrever, pois, é sempre reescrever, não difere de citar” (COMPAGNON, 2007, p. 41). Nesse sentido, recriar é repetir, é criar a partir do criado, da criatura. As criaturas de Scliar são seus três romances bíblicos

Em *A mulher que escreveu a Bíblia*, Scliar concebe uma de suas personagens mais intrigantes: a narradora – uma esposa feia, porém letrada do rei Salomão, que é por ele designada ao posto de escriba e incumbida pelo rei da tarefa de redigir o livro sagrado do povo de Israel. A personagem instaura sua subjetividade na escrita, modificando a configuração do documento canônico. Suas interrogações ao texto podem ser aproximadas das perguntas do romance contemporâneo, no qual a subjetividade e o autoquestionamento tomaram o lugar da parábola. Quando reescreve os eventos da criação, insere nesses o desejo e a paixão, a sedução pela palavra escrita. Desse modo, cria uma narrativa apócrifa aos pergaminhos dos escribas do rei. Ao humanizar os eventos do *Gênesis*, elabora sua versão, sua leitura particular, que subverte a noção do sagrado como onipotência divina. Sua narrativa estabelece homem e mulher no centro do universo e, assim, ela troca a submissão pela interação entre os corpos:

Segundo os anciãos, Deus criara o primeiro homem a partir do barro. Eu não tinha nenhuma objeção a essa humilde matéria-prima. Mas por que o homem primeiro, e não a mulher? E por que tinha a mulher sido criada de maneira diferente? A história da costela me parecia tola, para dizer o mínimo, ou talvez até uma afronta, considerando a modéstia dessa peça anatômica. *Decidi corrigir tais equívocos mobilizando para isso as minhas próprias fantasias. Criados, o primeiro homem e a primeira mulher enamoram-se loucamente um do outro, e aí transformam o Éden num cenário de arrebatadora paixão.* Fodem por toda parte, na grama, na areia, à sombra das árvores, junto aos rios. Fodem sem parar, como se a eternidade precedendo a criação nada mais contivesse que a paixão deles sob forma de energia tremendamente concentrada. O encontro dos dois era, portanto, uma espécie de Big-Bang do sexo, muito Big e muito Bang. Todas as posições eram usadas, todas as variantes experimentadas, isso sob o olhar curioso das cabras e dos ornitorrincos e, mais, sob o olhar benévolo de Deus. (SCLIAR, 2006, p. 127, grifos nossos)

A partir dessa premissa, a narradora desafia uma longa reflexão sobre o processo de composição do grande livro e sobre o processo da composição romanesca, contrapondo o sagrado e o profano. Ao tentar inserir sua subjetividade e sua visão nas linhas do texto sagrado, é censurada pelos escribas oficiais, os doutores da lei. O seu manuscrito, ao final reduzido a cinzas, alinha-se com sua criadora nas reticências do texto, nas margens das Escrituras, apontando para infinitas possibilidades de leituras que nos possibilitam as “enigmáticas, mas promissoras cavernas” (SCLIAR, 2006, p. 216) do intertexto bíblico.

Os vendilhões do templo, talvez o romance mais pessimista entre os trabalhos do autor, recria o famoso episódio dos Evangelhos canônicos para evidenciar o nascimento e a evolução de uma infâmia (o judeu como símbolo de ganância e usura) sustentada no curso da história como uma das justificativas à intolerância e à tragédia da perseguição ao povo judeu. Reproduz-se em três configurações narrativas o modo como essa intolerância se amalgamou ao ideário ocidental, que, com a diáspora, resultou na crise identitária desse povo, obrigado a errar e a se abstrair de sua essência, circunscrita e inscrita, no corpo, pela circuncisão, e no tempo, pela tradição e pelas Escrituras. Esses degredados e perseguidos são espelhados na metáfora do vendilhão e do judeu errante e reconfigurados na narrativa como o cristão-novo e o jovem contemporâneo, descendente de origem judaica, mas desenraizado de sua tradição ancestral e perdido no mundo globalizado que o esmaga. São esses personagens, recriados pela escrita de ficção do escriba moderno que, ao final, possibilitam ao vendilhão pós-moderno dar a resposta devida ao falso pregador. A voz narrativa se mantém onisciente na terceira pessoa nas duas primeiras iniciais e, na última nos apresenta um protagonista na primeira pessoa que

se insinua como o narrador dos dois primeiros capítulos. A personagem, um jornalista fracassado, menciona em uma passagem fundamental de sua narração uma caixa com manuscritos e lembranças, referências metanarrativas a todo o enredo:

Depois de muito procurar, acabo achando o que queria: a caixa de papelão em que guardo, junto com dois textos de ficção nos quais venho trabalhando a anos (um sobre o vendilhão do Templo, outro sobre o padre Nicolau, fundador da cidade), as recordações do colégio. Ali está a foto, colorida mas meio desfocada: Félix, Armando, Matias e eu. (SCLIAR, 2006, p. 214)

Como no texto anterior, Scliar cria seu protagonista na figura de um escriba – no caso, um escriba pós-moderno, o jornalista com pretensões de ficcionista – semelhante ao narrador pós-moderno descrito por Silviano Santiago:

[...] o narrador pós-moderno é aquele que quer extrair a si da ação narrada, em atitude semelhante à de um repórter ou de um espectador. Ele narra a ação enquanto espetáculo a que assiste (literalmente ou não) da plateia, da arquibancada ou de uma poltrona na sala de estar ou na biblioteca; ele não narra enquanto atuante. (SANTIAGO, 1989, p. 39).

Ao final de sua narrativa, o protagonista assiste o embate entre o vendilhão pós-moderno (camelô) e o falso pregador. Configurando, assim, como a figura analisada por Santiago, o espectador da ação, que não atua sobre, revelando uma certa postura omissa destes narradores-protagonistas de Moacyr Scliar. Se o escriba e/ou narrador bíblico se colocam como os emissores da verdade divina, nas recriações de Scliar eles deslizam nas entrelinhas dos seus discursos maleáveis, marcados por suas personas erráticas e seu caráter “não confiáveis”, como os narradores descritos por Wayne Booth (1980).

Finalmente, *Manual da paixão solitária* apresenta-se como um exercício da multiplicação de vozes narrativas em um episódio singularmente intrigante do livro do *Gênesis*. As proeminentes figuras bíblicas dos patriarcas (Jacó, Judá e o herói bíblico José do Egito) tornam-se coadjuvantes na narrativa do antes silencioso Shelá e de sua correspondente especular, a astuciosa Tamar. Essas narrativas confluem do território dos sonhos e dos desejos. Os narradores-protagonistas multiplicam a mesma história como tentativa de concretizar o sonhado e o desejado pela criação artística. O narrador arrola o destino de Shelá em sua letra e em seu texto. Fracassada, a paixão pela mítica Tamar – que, após ter-lhe sido negado por Judá, o seu último filho, para que se cumprisse a lei, foi atrás de seu destino e arrancou, com astúcia, sua prole ao patriarca –, resta à personagem sua caverna, para moldar pelo barro e pela escrita as memórias e os sonhos:

Fica a esperança de que um dia – ou uma noite, de preferência uma noite – alguém lembre de mim, alguém fale de mim para um atento e

interessado auditório. Animado por essa tênue esperança, assino meu nome no pergaminho, guardo-o na ânfora. Encerrada a tarefa entrego-me à fantasia e ao devaneio que, para mim, representam o princípio e o fim de todas as coisas, e que são a matéria-prima deste manual da paixão solitária. (SCLIAR, 2009, p. 214)

Tamar tem o destino no mesmo registro da ficção, como pode ser visto a fala final da narradora:

E então meu objetivo se ampliou. Esculpir já não poderia ser pra mim uma distração, um passatempo, uma forma de terapia; não, eu queria, através da escultura, dar vazão às minhas emoções, à minha paixão, meu desejo. [...] Arte é assim. Paixão também. Arte e paixão preenchem qualquer vida. Mesmo que se trate de uma paixão solitária. Afinal, de certa forma, até mesmo Deus é solitário. Não é mesmo, Deus? Hein? Deus? (SCLIAR, 2009, p. 214)

A paixão dos solitários só se realizaria plenamente pela manipulação da matéria de invenção: o barro, a madeira, as letras e as palavras. É por intermédio da potência criadora da escrita que os sonhos e os desejos se tornam perenes no tempo. Portanto, paixão solitária é o impulso da criação que se realiza entre o escriba (escritor) e a sua escrita (reescrita). A paixão que nos guarda a literatura.

As características ressaltadas estabelecem uma unidade de semelhanças entre os três romances: a reescrita do texto sagrado; o olhar contemporâneo dos narradores sobre as passagens; a ironia e o humor que deslocam e constroem outras possibilidades de sentido para além das exegeses judaico-cristãs. Sua abordagem aos textos se dará pela paródia, porém distinta do texto modernista – Scliar não promove uma luta contra o cânone, suas apropriações buscam o diverso o múltiplo para além do sentido único. Dessa forma, suas recriações parecem se aproximar do conceito de paródia de Linda Hutcheon (1984), para a ensaísta, essa se diferenciaria da simples sátira que se pautaria, nessa contextualização, pelo ridículo, pela troça, o que seria uma forma de negatividade em relação ao satirizado e, portanto, uma limitação ao alcance enunciativo da paródia. Segundo a ensaísta, essa diferença entre os formatos seria, ao final, sua ação sobre o discurso/alvo. Para Hutcheon, a sátira sempre incidiria seu foco corrosivo contra o texto ou discurso que retoma. De forma diversa e amiúde, a reescrita paródica subverte o código para ironizar ou problematizar a leitura, a interpretação e o uso que até então se fez do mesmo, propondo novas possibilidades.

Ao final dos romances, o autor reconstitui as personagens que interpôs nas “lacunas” da narrativa bíblica, às reticências da ficção. A narradora feia, após sua versão da Bíblia ser queimada, foge do palácio de Salomão e retorna às cavernas da periferia do

reino; o vendilhão, após observar de longe os eventos da paixão e confabular com Ahasverus o Judeu Errante, retorna ao seu lar e sua atividade no templo e, finalmente, tanto Shelá quanto Tamar retornam ao silêncio que lhes é legado no relato bíblico, sem jamais configurar suas paixões.

A reavaliação desses textos fundadores do pensamento ocidental e sua consequente recriação, expandindo as possibilidades da ficção brasileira em contextos que não se fixem apenas em retratos da realidade nacional, mas que ampliem seu alcance por toda a sociedade contemporânea, são questões caras a esses trabalhos. Scliar, assim de modo muito particular, acrescenta uma reflexão sobre o papel da escrita, do escritor e da Escritura no romance contemporâneo. A polifonia criada na multiplicidade de narradores e em sua inter-relação com o jogo discursivo da ironia e do humor desloca os textos da tradição (o arquivo judaico-cristão) para novas possibilidades de significação. No caso de Scliar, essa estratégia parece relacionar-se também com uma poética do texto. Da construção de uma poética da reescrita e da recriação.

“Escrita é poder!” Essa é uma frase recorrente nas três obras analisadas – comentário sempre relativo à atividade dos escribas presentes nas narrativas. É a função do escriba bíblico, o escriba da tradição judaica, guardião responsável pelos textos sagrados, pela transcrição, correção e inscrições dos textos na Torah, por ser o editor de Deus. São essas práticas escriturais, desenvolvidas na formação, divulgação e guarda da tradição, que Scliar incorpora e encena na voz de seus narradores. Escribas reinventados em suas apropriações paródicas, que se voltam para as inserções polêmicas, para os desvios de rota que sustentam e abrem outros caminhos na produção de sentidos. Os narradores-escribas de Scliar inscrevem o devir de seu olhar, subjetivo e contemporâneo, nas Escrituras Sagradas; escrevem não a tradução ou a interpretação da verdade, mas o porvir do fabulatório, do duvidoso, do questionamento incidente das muitas perguntas que fundam e estruturam esse modelo romanesco que aqui se conceituou como romance bíblico.

O romance bíblico é, pois, exercício intertextual por excelência, cujo princípio constituinte deriva da constituição lacunar do texto bíblico e de sua solicitação por uma constante interpretação desses textos. Nas narrativas bíblicas de Moacyr Scliar, o foco ordenador são seus narradores personagens: seus escribas narradores, ou narradores escritores, professores de história, antropólogos, jornalistas, esposas feias e letradas, personagens que dominam e são dominados pela linguagem e pelo texto e que funcionam

como janelas que iluminam um certo ideário acerca do papel do escritor na ficção e da ficção como um lugar do saber.

Referências

BOOTH, Wayne. **A retórica da ficção**. Trad. Maria Teresa H. Guerreiro. Lisboa: Arcádia, 1980.

COMPAGNON, Antoine. **O trabalho da citação**. Trad. Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da paródia**: ensinamentos das formas de arte do século XX. Trad. Teresa Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 1984.

SANTIAGO, Silviano. **Nas malhas da letra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SANTOS, Márcio César Pereira dos. **Narradores e escribas nos romances bíblicos de Moacyr Scliar**. 2014. 219 f. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura e Literatura Comparada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2014.

SCLIAR, Moacyr. **Manual da paixão solitária**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SCLIAR, Moacyr. **A mulher que escreveu a Bíblia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SCLIAR, Moacyr. **O texto, ou: a vida**: uma trajetória literária. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

SCLIAR, Moacyr. **Os vendilhões do templo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ZILBERMAN, Regina. Entrevista com Moacyr Scliar: Do Bom Fim para o mundo. **WebMosaica**: Revista do Instituto Marc Chagall, v. 1, n. 2, jul.-dez. 2009.